



1550 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 05 - Educação e Infância

UM, DOIS, TRÊS... ERA UMA VEZ: RESSIGNIFICANDO AS CONTRIBUIÇÕES AFRO-BRASILEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL ACERCA DA POPULAÇÃO NEGRA DE JOINVILLE

Luiza Corrêa Cunha - UNIVILLE - UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

Sonia Regina Pereira - UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

Resumo

O artigo em questão expõe as atividades desenvolvidas durante o Estágio Curricular Supervisionado em um Centro de Educação Infantil localizado no município de Joinville-SC. O objetivo desta pesquisa foi exercitar a interlocução de saberes entre a universidade e a instituição educativa, com ações envolvendo a teoria e prática de modo indissociável. A partir da observação e inserção da estagiária no campo de estágio o projeto foi desenvolvido na etapa de intervenção no educandário. O projeto visou constatar a importância da literatura e da contação de histórias como possibilidade de abordar questões ético-raciais às crianças, apresentando a cultura afro-brasileira numa perspectiva histórica de Joinville. A metodologia utilizada foi pesquisa de campo, com abordagem qualitativa. Após serem realizadas todas as etapas do estágio, houve a coleta dos dados, que proporcionou uma visão ampliada sobre o exercício da docência e a história sociocultural da população afrodescendente no município de Joinville, conhecida equivocadamente por sua colonização puramente alemã.

Palavras-chave: Cultura afro-brasileira; Docência; Educação Infantil; Literatura.

UM, DOIS, TRÊS... ERA UMA VEZ: RESSIGNIFICANDO AS CONTRIBUIÇÕES AFRO-BRASILEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL ACERCA DA POPULAÇÃO NEGRA DE JOINVILLE

Resumo

O artigo em questão expõe as atividades desenvolvidas durante o Estágio Curricular Supervisionado em um Centro de Educação Infantil localizado no município de Joinville-SC. O objetivo desta pesquisa foi exercitar a interlocução de saberes entre a universidade e a instituição educativa, com ações envolvendo a teoria e prática de modo indissociável. A partir da observação e inserção da estagiária no campo de estágio o projeto foi desenvolvido na etapa de intervenção no educandário. O projeto visou constatar a importância da literatura e da contação de histórias como possibilidade de abordar questões ético-raciais às crianças, apresentando a cultura afro-brasileira numa perspectiva histórica de Joinville. A metodologia utilizada foi pesquisa de campo, com abordagem qualitativa. Após serem realizadas todas as etapas do estágio, houve a coleta dos dados, que proporcionou uma visão ampliada sobre o exercício da docência e a história sociocultural da população afrodescendente no município de Joinville, conhecida equivocadamente por sua colonização puramente alemã.

Palavras-chave: Cultura afro-brasileira; Docência; Educação Infantil; Literatura.

Introdução

O Estágio Curricular Supervisionado de Educação Infantil acontece nos cursos de Pedagogia, conforme disposto nas matrizes curriculares das instituições de ensino superior, inserindo os acadêmicos no campo de trabalho e proporcionando a eles vivências com a primeira infância.

A profissão professor tem atualmente grande responsabilidade com a sociedade, com o conhecimento, com a vida de todos os sujeitos, seja atuando nos primeiros anos de desenvolvimento com as crianças, ou na aprendizagem de um adulto. Por isso, se faz necessário uma formação adequada de no mínimo ensino superior e que este contemple diferentes modalidades de Estágios Curriculares Supervisionados.

O estágio, constituindo-se como parte fundamental da trajetória docente, é conceituado pela autora Pimenta (2012, p.24) como uma experiência que tem por finalidade "integrar o processo de formação do aluno, futuro profissional, de modo a considerar o campo de atuação como objeto de análise, de investigação e de interpretação crítica, a partir dos nexos com as disciplinas do curso."

Torna-se primordial que os acadêmicos, os professores supervisores e orientadores do estágio tenham clareza que o Estágio Curricular Supervisionado é uma etapa do curso superior que envolve a articulação da teoria e da prática, formação crítica e reflexiva sobre a ação pedagógica. Esse momento converte-se em pesquisa e construção da identidade do educador.

O campo de estágio onde aconteceu a pesquisa foi um Centro de Educação Infantil localizado em Joinville-SC. O educandário atende crianças de 4 meses a 5 anos de idade, com turmas desde o Berçário I ao 1º Período.

A primeira etapa desta vivência consistiu-se na observação do ambiente, da prática pedagógica dos docentes, das ações dos sujeitos envolvidos (equipe escolar/crianças) e das atividades. A partir disso, a estagiária realizou uma intervenção em forma de projeto educativo, subsidiada pela literatura infantil e envolvendo a temática das contribuições afro-brasileiras acerca da população negra de Joinville.

O presente artigo estrutura-se em cinco partes principais, infância e cultura: observações e inserções no campo estágio; um estudo sobre os povos afrodescendentes em Joinville; procedimentos metodológicos; análise e discussão dos resultados; e por fim, as ações afirmativas no CEI, com a semana de docência da estagiária.

Infância e cultura afro: as primeiras observações e inserções no campo de estágio

O primeiro movimento feito pela estagiária na instituição em que estava realizando a pesquisa foi o de observação, sendo essa uma prática investigativa. A prática investigativa começou por meio do diagnóstico. Para isso a acadêmica analisou muito além dos documentos e papéis arquivados no Centro de Educação Infantil-CEI, precisou observar o funcionamento do educandário como um local cheio de vida.

Desse modo, o diagnóstico ocorreu durante todo o percurso do estágio curricular, pois entende-se que o mesmo “não se limita a uma visão inicial, mas se realiza como processo permanente de identificação de necessidades e possibilidades que permitam rever ou reafirmar, as opções, uma vez que a realidade é dinâmica, viva, mutável” (Pimenta, 2012, p. 223).

O diagnóstico possibilitou à estagiária definir seu campo de pesquisa e encontrar a problemática para realizar a pesquisa. Verificou-se a necessidade de aproximar as crianças de manifestações culturais e artísticas, entre elas as contações de histórias.

Nos momentos das observações e inserções no CEI, a estagiária transitou por todas as turmas do período vespertino, ficando um período em cada uma das tardes. Na etapa de inserção, proporcionou-se aos pequenos a vivência de um momento literário, conectando as temáticas dos projetos de sala, já estabelecidas pelas professoras regentes, com a contação de história do clássico “O Rei Sapo ou Henrique de Ferro”, dos Irmãos Grimm, com o recurso de fantoches.

Esse conto foi escolhido pela pesquisadora para ser a história norteadora do planejamento de inserção, pois era possível associá-lo aos assuntos das turmas, além de trabalhar questões étnico-raciais. O clássico literário é a primeira história revisitada pela Wald Disney com uma princesa negra.

No Berçário I a temática abordada foi musicalização, com a cantiga “Sapo Cururu” e com a fabricação do instrumento musical Ganzá (da cultura africana); no Berçário II e 1º Período cultura afro com a criação de um painel de princesas africanas; no Maternal I contos de fada, utilizando-se de um livro de feltro com a história cantada do “Sapo Cururu”; e no Maternal II psicomotricidade, acertando sapos de brinquedo no alvo certo, brincadeira de equilíbrio, atenção e lateralidade, utilizando-se do conto dos Irmãos Grimm, como prelúdio para as atividades.

A apresentação da cultura afro-brasileira aliou-se a todo instante à literatura, afinal, ler é uma oportunidade efetiva de mudança, oportuniza modificações de atitudes preconceituosas e racistas, além de que, o gosto pela leitura inicia-se desde muito cedo, já na primeira infância.

A literatura desenvolve competências como memória, atenção, interpretação e emoção. Estimula a linguagem oral, a criatividade e a constituição da identidade, trazendo reflexões sobre o retrato da sociedade e viabilizando o contato com o letramento. Diversos autores apontam o porquê de as histórias serem tão especiais:

Há quem afirme que isso se dá porque essas histórias são “arte e deleite” (OLIVEIRA, 2005, p. 01); porque provocam a “fruição de um prazer” (LOPES, 1995, p.05), porque transportam “a criança para mundos diferentes”; porque ajudam a “desenvolver seu intelecto e tornar clara suas emoções” (BETTELHEIM, 2002, p.05); porque são “importantes para o desenvolvimento da linguagem: oral e escrita” (CÂNDIDO, 2003, p. 06); porque têm “o poder de, construir para a criança, um elo lúdico entre o mundo do imaginário, do símbolo subjetivo e o mundo da escrita e dos signos convencionados pela cultura” (SILVA, 2009, p. 102 apud. FREITAS, 2014, p.21).

A literatura vem em oposição as relações aceleradas do século XXI, onde os sujeitos a cada dia mais dão menos importância a empatia, afetividade, a formação do caráter para o desenvolvimento do homem como ser humano; ser humano que se importa com os outros, com o meio onde vive. Segundo Cagneti (2013, p. 11), a leitura, em contrapartida, pede, naturalmente, o que esse mundo pós-moderno descarta: entrega, concentração, fidelidade, crítica, cumplicidade, retorno, reflexão, criação, recreação.

Pensando em uma literatura que atinja todas as crianças, independentemente de sua etnia, de modo que modifique concepções, mexa com as emoções e contribua efetivamente para a sua formação integral, salienta-se a necessidade de discussões étnico-raciais estarem presentes no universo literário. Essa presença servirá para apresentar às crianças outras culturas diferentes das que elas têm, ou até mesmo manifestar a cultura para elas, desconhecida.

Um estudo sobre os povos afrodescendentes em Joinville: elucidando as relações étnico-raciais por intermédio da literatura

O Brasil é um país imensuravelmente miscigenado, com mistura de povos indígenas, europeus, africanos e asiáticos, que trouxeram para cá uma grande diversidade de culturas, raças, religiões e porque não de infâncias? De modo que há neste mesmo território a infância da criança ribeirinha, indígena, quilombola, a filha de trabalhadores, a de classe baixa, média e alta, com diferenças identitárias, mas ainda assim, todas crianças.

Mesmo com uma sociedade tão globalizada, onde a todos os momentos temos múltiplas informações, o racismo, a desigualdade e o preconceito ainda existem. Apesar das evoluções humanas em muitas áreas, a tolerância e o respeito com o próximo ficam cada vez mais escassos em nossa sociedade. As relações interpessoais, de empatia e troca de afetividade entre os sujeitos acontecem de maneira superficial.

Como apontado anteriormente, o país é multicultural, por isso, na Educação Infantil, questões étnico-raciais devem ser contempladas, para serem abolidas atitudes discriminatórias e para que as crianças saibam respeitar umas às outras e valorar toda a diversidade dos seres humanos.

Infelizmente, ainda há certa resistência em tratar da temática nos Centros de Educação Infantil e nas escolas, em razão desse assunto só vir à tona no século XXI, aparecendo nos documentos oficiais como a Lei de Diretrizes e Bases, os Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, a Base Curricular Comum Nacional, entre outros. Hoje, torna-se obrigatório estar tratando com as crianças sobre a cultura afro-brasileira e suas contribuições. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil,

as propostas pedagógicas das instituições [...] deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem: O reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação (Brasil, 2010, p. 21).

A história e a cultura africana são na maioria das vezes, na Educação Infantil, abordadas de maneiras simplistas, por se acreditar que as crianças não têm a capacidade intelectual de entender a pluralidade sociocultural e a junção dos hábitos e valores brasileiros com o dos africanos. Nas instituições educativas aponta-se a visão histórica do negro como escravo e são esquecidas as ressalvas em relação a suas contribuições ao nosso país: suas riquezas culturais, religiosas, seus costumes, lendas e artes, como realmente é a cultura afrodescendente, que é também nossa cultura.

Quais as vezes em que apresentaram-se às crianças a cultura afro-brasileira dentro do município, do bairro e da comunidade, para que elas pudessem realmente perceber que essa cultura está impregnada na nossa, faz parte do local onde se vive, do cotidiano e contexto de cada uma delas?

A luz dessas informações e diante desta indagação, o projeto oportunizou a apresentação da cultura afro-brasileira para os pequenos, na perspectiva histórica do local onde encontra-se a instituição, em Joinville. Observando que,

a realização de projetos sobre a diversidade étnica que compõe o povo brasileiro é um recurso importante para tratar de forma mais objetiva a questão da identidade. Conhecer a história e a cultura dos vários povos que para cá vieram é de grande valia para resgatar o valor de todas as etnias presentes no Brasil, o que pode ajudar a diluir as manifestações de preconceito, alargando a visão de mundo dos elementos do grupo (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, 1998, p.65).

Por muito tempo, os negros passaram por esquecidos na história do município de Joinville, local que traz explicitamente na memória as contribuições dos alemães, portugueses, suíços e noruegueses, que chegaram para povoar essas terras no século XVIII. Pouco se tem registrado sobre a participação dos afro-brasileiros na identidade local, em contrapartida sabe-se que a presença deste povo marca, pois boa parte da população origina-se como afrodescendentes, também como atores sociais e produtores de cultura em Joinville.

Com os estudos atuais sobre a época da colonização, constatou-se que nessas terras, a presença dos negros inicia-se pelo menos no século XIX com a vinda de famílias luso-brasileiras acompanhadas de seus escravos negros. De acordo com o historiador Cunha (2008, p.110),

existiam também moradores no Itaum, no Boa Vista, no Iriú, no Morro do Amaral, às margens do Rio Cubatão e ao redor da Lagoa de Saguaiçu, formando um pequeno povoamento composto por 33 propriedades, na maioria das quais utilizava-se mão de obra escrava, em atividades agrícolas e domésticas. Certos proprietários contavam com 18 ou até 22 escravos para o trabalho em suas propriedades, nas quais se cultivava principalmente cana e tubérculos, como a mandioca, e se produzia a aguardente, melado e farinha.

Apesar do historiador em seu livro não conseguir fazer uma estimativa concisa de quantos negros haviam em Joinville por volta desses primeiros anos, afirma que “aquelas 33 propriedades eram habitadas por cerca de 330 a 400 pessoas, entre as quais em torno de 60 a 70 escravos” (2008, p. 110). No mesmo livro, Cunha (2008, p. 110) aponta uma pesquisa realizada pela subdelegacia de Joinville em 1867, que apresenta no município o dado populacional de 5.577 habitantes, sendo 17% de luso e afrodescendentes. Além desses, há outros registros encontrados sobre a presença afro em Joinville.

Os negros por muitos anos foram escravos na Colônia Dona Francisca, com indícios de que colonos germânicos tinham escravos e que luso-brasileiros também. Eles pertenciam em maioria à senhores de terras da região, oriundos dos mais diversos locais, do Rio de Janeiro, do Paraná, do Congo, da Angola e da África. Entre as contribuições desses escravos estão “[...] os segredos da terra, das plantas, dos bichos, das matas, dos rios e das aves” (SILVA, 1997, p. 01).

A história dos negros no município de Joinville, é marcada por lutas, após serem libertados da escravidão, tinham dificuldades em achar trabalho, pois sempre vistos e tratados como inferiores aos germânicos, no entanto, mão de obra preferida.

Atualmente, segundo estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, em Joinville tem-se a maior população negra do Estado de Santa Catarina, que corresponde a 55 mil habitantes afrodescendentes no local. Hoje em dia, realizam muitas manifestações no Dia da Consciência Negra, constituem também o Instituto Afro Brasileiro de Joinville, grupos de capoeira como o Quilombo Arte, Beribazu, entre danças e músicas dos afrodescendentes no município. Todavia, essas práticas ainda são poucas, para assegurar aos negros todos os seus direitos e para mostrarem toda a sua arte.

Não há como negar que a história dos negros caracteriza-se por discriminações e preconceitos, percebe-se constantemente, com a vinda dos Haitianos para o município, atitudes e falas de sentimentos destes, sobre a intolerância racial, por isso urge dar luz a essa história, que também é a história de Joinville, “reconstruir sua participação nesse processo, com suas lutas e resistências, suas práticas e representações é contribuir para restituir-lhes o direito à memória e a identidade” (CUNHA, 2008, p. 121). Na educação é imprescindível apresentar a história dos afrodescendentes no município, como sendo a história dos ascendentes das crianças, para que não somente os negros tenham restituída suas memórias, mas que essa história contribua para a constituição das identidades de todos os pequenos em formação.

Na etapa de inserção, para a quebra dos estereótipos, apresentou-se às crianças um teatro de fantoches com uma princesa negra. Na intervenção do estágio fêz-se uma correlação entre a obra clássica dos contos de fadas (puramente alemães), com as obras contemporâneas que tem como protagonistas personagens negros.

O papel da literatura infantil nos dias de hoje é atuar ativamente na sociedade, dando voz aos esquecidos em outras histórias: os afrodescendentes, as mulheres que “não querem ir com os príncipes”, os casais que nem sempre “viveram felizes para sempre”, quebrando nas ilustrações e textos infantis os estereótipos da beleza europeia, dos olhos claros, pele branca, cabelos lisos e loiros.

É uma exigência pautada em lei, tratar de temas como a pluralidade cultural, gênero e sexualidade nas instituições de Educação Infantil e escolas, porém, essa temática garantida nas instituições de ensino não aconteceu de um dia para o outro, travaram-se muitas lutas para acontecerem os avanços na educação que se têm hoje. O mesmo ocorreu com a literatura:

O encontro, portanto, e a diferença, não se deu de forma casual, ele se deve a uma série de conjunturas históricas e sociais.

Conforme apontam Silveira, Bonin e Ripoll (2009), vários fatores são responsáveis pelo fato de a diferença ter sido colocada em pauta e ter ganhado visibilidade na sociedade e nas obras literárias infantis, entre eles: “a redefinição do conceito de cultura”; “os impactos de movimentos sociais de reivindicação de direitos de grupos tradicionalmente oprimidos”; “alguns avanços da ciência que permitiram questionar a ‘naturalidade’ de certas a uns e outros povos ou sujeitos (FREITAS, 2014, p. 53).

Sendo que, não somente no Dia da Consciência Negra, tratando da temática diversidade étnico-racial, que essa literatura deve aparecer. Na verdade, a literatura infantil afrodescendente deve fazer parte do cotidiano da Educação Infantil, nas mais variadas práticas, de contação de histórias, mediação de leituras, teatros e manifestações artísticas.

A própria prática de contação de histórias existe em sua essência nas culturas indígenas e africanas, onde os antigos têm a tradição de contar histórias passadas de seu povo para as mais novas gerações, por isso, um dos caminhos para apresentar a cultura dos afro-brasileiros as crianças perpetua-se na ação, narrando memórias, conservando a cultura oral. Segundo Bohn (2014, p.167), a oralidade torna-se um importante elo social, de trocas verbais que nos fazem aprender com o outro, vivenciar o diferente e apresentar a sua concepção do que está exposto.

Releva-se aqui, a observação que a literatura infantil afrodescendente, existe como um artefato de disseminação da cultura afro-brasileira, não devendo ser encarada com o cunho exclusivamente didático na Educação Infantil. Os livros não devem ser explícitos e estereotipados, fazendo-nos acreditar em um falso estigma da determinada cultura, mas justamente ao contrário, abordar questões étnico-raciais com leveza e naturalidade, mostrando as riquezas dos diversos povos, que afinal, são também parte de nossa história.

Procedimentos metodológicos

Por meio da abordagem de teor qualitativo tornou-se possível captar a diversidade de experiências presentes no CEI, as crianças com relação a suas famílias e seus colegas de turma, os professores e funcionários, o espaço e o tempo. Para Flick (2009, p.20):

A pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida. As expressões-chave para essas pluralizações são a 'nova obscuridade' (Habermas, 1996), a crescente 'individualização das formas de vida e dos padrões biográficos' (Beck, 2002) e a dissolução de 'velhas' desigualdades sociais dentro da nova diversidade de ambientes, subculturas, estilos e formas de vida.

Comumente, com esta forma de abordagem que a pesquisadora escutou os sujeitos envolvidos na pesquisa. Uma das principais características da pesquisa qualitativa é levar em consideração os significados que os participantes dão as coisas, há sempre um foco do pesquisador em estar entendendo os diferentes pontos de vista.

A pesquisa foi realizada *in loco*, tendo o cunho etnográfico, sendo possível assim, uma investigação apurada dos sujeitos.

Segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 94), a pesquisa etnográfica, um método que "diz respeito a aspectos culturais, consiste no levantamento de todos os dados possíveis sobre a sociedade geral e na descrição, com finalidade de conhecer melhor o estilo de vida ou a cultura específica de determinados grupos." Ou seja, procurou-se aprofundar os conhecimentos sobre a determinada instituição educativa.

O projeto já existente na turma do 1º Período do CEI vinha de encontro com a temática da cultura afro-brasileira que seria aplicada pela estagiária em sua semana de docência, por isso, a aplicação do projeto de intervenção ocorreu com o 1º Período C.

Discussão dos resultados: a reafirmação da temática abordada por meio da coleta de dados

Inicialmente, por intermédio de uma entrevista não estruturada aplicada com as 19 crianças, de quatro e cinco anos, do 1º Período C, realizou-se a coleta de dados.

O roteiro de entrevista conteve 11 questões, em primeira instância indagações sobre a literatura, e em segunda instância questionamentos contendo a opinião das crianças com relação a cultura afro, seus conhecimentos prévios sobre a temática.

Essa entrevista ocorreu no primeiro dia de docência da estagiária por meio de uma roda de conversa no início da tarde. As falas mais relevantes encontram-se no quadro número 1.

Quadro 1 – Entrevista com as crianças.

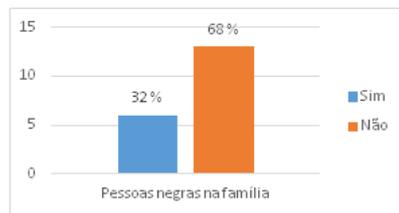
Indagações	Respostas
Vocês escutam histórias com frequência?	Sim aqui na sala (Criança A.). Sim, eu escuto todos os dias (Criança N.). Sim, eu amo história (Criança B.).
Escutam histórias aonde?	Aqui no CEI né (Criança I.). Em casa minha vovó conta (Criança C.). Meu pai conta quando vou lá e minha mãe conta quando "to" com ela (Criança A.). Aqui no CEI, a prof. A conta sempre. Você também vai contar (Criança V.)?
Vocês já escutaram histórias com personagens negros?	"Num" lembro (Criança B.). Claro que sim o que a prof. Luiza contou da princesa e do sapo (Criança E.). Só essa vez então (Criança I.). Quase nem tem (Criança N.).
Existem muitas pessoas negras?	Sim, preto (Criança M.). Sim, como os brancos (Criança L.). Mais brancos que pretos (Criança E.). Não sei (Criança I.). Obs.: Foi dito as crianças que não é correto referir-se a cor de pele desse modo, pessoas pretas não é o termo correto.
De que cor é a sua pele?	Chocolate (Criança J.). Branco (Criança P.). Bem branquinha (Criança A.). Obs.: Algumas crianças não se reconhecem como negras e falam que tem a cor chocolate.
Todos temos os mesmos direitos e deveres apesar de sermos diferentes uns dos outros?	Sim (em coro).
O que é cultura?	Sei lá (Criança D.). Não sei (Criança G.). Obs.: Diante desta resposta foi explicado as crianças que o conceito de cultura segundo Bonfim, Santos e Maia (2010, p. 25) é entendido como expressão de vida, como um modo peculiar de ver, sentir, tocar, ouvir, representar e relacionar-se com o mundo em que se vive. Se criar cultura é algo humano, as crianças pequenas também criam. Ou seja, cultura significa conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano não somente em família, como também por parte da sociedade do qual é membro. Elas, as crianças ali presentes, são cultura.

Todos fazem parte da cultura?	Não sabemos prof. (Criança A.).
Como é a cultura de Joinville?	Joinville é aqui (Criança V.). Joinville é nosso país (Criança E.). Obs.: Diante desta resposta foi explicado as crianças que Joinville é o município que moramos.

Fonte: Primária, 2017.

Em uma das perguntas, as crianças foram enfáticas em dizer sim ou não. A indagação era: "Existem pessoas negras em suas famílias?" A resposta a esse questionamento foi bastante expressivo, como observado o gráfico número 1.

Gráfico 1 – Existem pessoas negras na família.



Fonte: Primária, 2017.

Acredita-se que existam mais pessoas negras nas famílias das crianças, mas elas ainda não reconhecem desse modo seus membros. Os estudantes ficam em dúvida por conta de suas idades em relação a cor de pele delas próprias e dos indivíduos ao seu redor.

De fato, as crianças têm seus conhecimentos prévios sobre qualquer temática e considerar suas falas é algo essencial para a pesquisa. Isso significa que o planejamento foi realizado e executado a partir das respostas das crianças. Neste momento da entrevista não estruturada a pesquisadora constatou as facilidades e dificuldades dos estudantes sobre o assunto da cultura afro-brasileira em Joinville.

Em um tempo não tão distante: a África também é aqui

Como uma ação afirmativa frente ao material coletado na pesquisa, foi realizado o projeto de intervenção, que tinha como objetivo conhecer por meio das brincadeiras, da literatura e da contação de histórias, a cultura afro-brasileira, valorizando suas contribuições e reconhecendo-a como parte da cultura do município.

No primeiro dia de docência, a estagiária apresentou os bonecos de pano Zaire e Zaile, fabricados especialmente para introduzir o conhecimento da cultura africana às crianças. A proposta era justamente que eles se tornassem os companheiros da turma durante o projeto e que cada um levasse seus amigos africanos para casa em um dia da semana e registrasse os acontecimentos em um caderno, juntos com seus familiares. Os bonecos tinham roupas e características do povo africano.

A exposição dos personagens se deu por meio de uma história inventada, fazendo com que eles pudessem fantasiar e acreditar que o Zaire e a Zaile eram reais. A pesquisadora contou que eles vieram diretamente da África para conhecer o 1º Período C. As crianças ficaram surpresas e a acadêmica aproveitou o momento para indagar: "onde fica a África?", "a África é perto de Joinville?", "vocês sabiam que moramos em Joinville?" Logicamente pela idade, as crianças não sabiam as respostas muito bem, por isso a estagiária mostrou a localidade utilizando o recurso do Mapa Mundi.

Outra história narrada neste primeiro dia, foi do livro "A Princesa e a Ervilha", em uma versão afro da narrativa, que permitiu o uso de colares e um turbante para compor o figurino. Na sequência, houve a proposta para a turma de realizarem todos juntos um teatro da história, para apresentarem como atividade de fechamento do projeto na instituição.

Ainda em forma de roda, a estagiária abriu para as crianças comentarem da narrativa, o que haviam aprendido. Sucederam-se muitas falas, entre elas sobre as cores tão vivas da história. A estagiária mostrou às crianças a bandeira da África do Sul comparando-a com as cores da bandeira do Brasil e de Joinville, a bandeira de mais alguns países do continente Africano, como a Angola, Nigéria, e países citados no livro "A Princesa e a Ervilha", Etiópia, Somália e Quênia.

A intenção era que as crianças comparassem as cores que tinham em comum entre as bandeiras, e entendessem que há muitas semelhanças entre as culturas. Com isso, os pequenos realizaram um trabalho artístico com as cores da África. A técnica utilizada foi de colocar nos pés plásticos bolhas e com tinta guache pintar de modo abstrato o *Kraft* no chão, proporcionando sensações diferentes, pois crianças precisa ter estímulo em todos os cinco sentidos.

A criança, essa criatura por excelência tátil, tem olhos nas mãos e pés. Só quase sabe ver com as mãos, ver com os olhos não lhe basta, pois o campo de repercussões por ela almejado é das mais recuadas impressões corpóreas. A tatilidade é seu mais poderoso recurso imaginador, a porta do vínculo onírico com tudo. Pela tatilidade, ela não apenas vê como também ouve e empenha diálogo com os materiais (GANDHY PIORSKI, 2016, p. 109).

No segundo dia de aplicação da docência, houve a mediação de leitura do livro "Galinha e o Monstro Escamoso" e uma contação de história do livro "As Traças de Bintou", ambas obras renomadas na literatura infantil. O primeiro livro contou ganhou o prêmio Fnlij em 2009 e traz em suas últimas páginas algumas curiosidades sobre a África Central e seus animais: a Galinha da Angola e Pangolim.

As crianças realizaram as atividades de construir fantoches de papel das Galinha da Angola, carimbando seus dedos com a tinta guache branca no papel preto, como as manchas típicas do animal. Fizeram também ilustrações dos acontecimentos do livro de Bintou. Todos os desenhos agrupados deram origem à confecção de um grande livro de aprendizagens do 1º Período sobre a África.

A estagiária se divertiu com as crianças por meio de uma brincadeira de origem africana, mas conhecida em todo o Brasil, inclusive em Joinville, com o nome de Terra e Mar. A brincadeira possui muitas modalidades e muda de regras e título conforme a região. Como na Educação Infantil aprende-se com o corpo, com os movimentos, transformou-se num momento muito rico e significativo para todos os baixinhos. Afirmam Filho, Kaercher, Cunha (2012, p. 39):

quanto à motricidade global, essa continuará se desenvolvendo por meio das brincadeiras de dançar, correr, saltar distâncias e alturas, rolar o corpo pneus, dar cambalhotas, percorrer circuitos com diversos obstáculos e desafios motores, subir e descer dos brinquedos e das árvores do pátio, pular corda, quicar, arremessar e chutar a bola, equilibrar-se sobre cordas ou mureta do tanque de areia [...] de acordo com a cultura de

No terceiro dia de docência as crianças conheceram a história "O Cabelo de Lelê". Logo após a contação, a turma discutiu sobre a sua pele e seu cabelo, oralizando suas características físicas. Por concentrar-se num momento muito rico e marcante, seu registro resultou num vídeo. Observou-se que alguns dos meninos e meninas ainda estavam confusos em relação a sua cor de pele e aspectos de seu cabelo. Aconteceu de crianças com cabelos crespos relatarem ter cabelos lisos, bem como algumas também disseram ser brancas sendo que na verdade eram pardas.

A estagiária propôs a construção de bonecas africanas. Levou lá para a sala, rolinhos de papel higiênico, tecidos com variadas estampas coloridas, isopor e também tintas pretas e marrons. Com esse material cada criança construía sua Lelê, ou seja, sua boneca africana.

As contribuições africanas foram inúmeras para o povo brasileiro, inclusive para os Joinvillenses. Comprova-se isso nas brincadeiras infantis, afinal muitas têm origem africana. No projeto apresentou-se às crianças algumas brincadeiras que não conheciam, e outras apontavam a verdadeira origem, tal como a brincadeira do Escravos de Jó. Por isso, a África também é aqui.

A brincadeira Escravos de Jó foi a largada do início da tarde do quarto dia de docência. Como as crianças não tinham adquirido ainda coordenação motora ampla, sincronismo, ordem e ritmo para a jogada com todos juntos, a estagiária mostrou aos pequenos um modo de brincar em dupla. As crianças movimentavam seus Ganzás, utilizando-os para realizar o barulho da música e demarcar os movimentos com as mãos.

Posteriormente, a estagiária fez com apetrechos bem inusitados e uma roupa bem específica a contação de história do livro de André Neves, "Obax". Essa é uma narrativa sensível que fala de uma menina chamada Obax que viaja pelo mundo da imaginação com seu elefante de fantasia Nafisa, conhecendo muitos países da África. Na história quando Obax enterra a pedra em formato de elefante (o que ela considerava ser real), nasce no lugar uma linda Baobá. Baobá é uma árvore nativa de Madagascar, no continente africano, mas que também tem em alguns locais no Brasil.

Desta história surgiu a construção das pinturas das Baobás, utilizou-se papel branco de fundo, carimbo das mãos e braços representando o tronco da Baobá, e rolinhos de vinho servindo de carimbo para o formato das flores coloridas.

Neste penúltimo dia de projeto, as crianças apresentaram o que haviam ensaiado durante a semana toda. Viajaram para um país distante e um tempo remoto só no mundo da imaginação, mas mesmo assim, puderam transportar seus conhecimentos adquiridos por meio da história para as outras crianças do CEI. Realizaram no pátio, como apresentação cultural da semana, o teatro da história "A Princesa e a Ervilha". A estagiária narrava e as crianças dramatizavam. Tudo ocorreu como no planejamento, as crianças se sentiram realizadas ao final, mostrando entendimento sobre a história, foram criativas, espontâneas, atentas, oralizaram de uma maneira impecável e se divertiram durante a apresentação, que nada mais era do que uma boa brincadeira para elas.

Em um país tão miscigenado como o Brasil, que tem uma grande diversidade étnica, é preciso conscientizar as crianças que podemos ter a cor de pele diferente, mas isso não muda o que somos, nosso caráter, essencial, nossos direitos e deveres perante a sociedade e o Estado.

No último dia de projeto fez-se uma síntese de tudo o que foi tratado durante a semana. A estagiária sentou-se com as crianças em uma roda de conversa para que expressassem seus entendimentos e sentimentos diante de tudo o que viram. As falas foram:

- *Aprendemos sobre a África, os animais que tem lá, as brincadeiras que vieram de lá*(Criança G.).

- *O que eu mais gostei foi do teatro prof. Fui a princesa*(Criança A.).

- *Foi difícil falar aquelas palavras em africano, como que é mesmo?*(Criança M.). Referindo-se a uma parte do teatro em que repetiam as falas da estagiária.

- *Gostei de pintar com os pés, foi muito legal*(Criança I.).

- *Todos somos iguais né prof., não importa a cor*(Criança E.).

- *Meu cabelo é cacheado como o da Lelê* (Criança C.).

- *A África fica um pouco longe, mas tem coisas aqui bem parecido*(Criança J.).

- *Tem negros e brancos na nossa cidade*(Criança L.).

Logo após, as crianças receberam a visita de um capoeirista que a estagiária contactou para ensinar capoeira aos pequenos. Segundo o professor a capoeira não surgiu na África, na verdade surgiu no Brasil, por meio dos escravos que gingavam para passar o tempo e distraírem-se dos maus tratos que sofriam, numa prática só entre eles, em que os senhores não participavam. Depois da explicação, com um pandeiro, todos dirigiram-se ao pátio coberto e lá aprenderam muitas músicas, gingas e brincadeiras africanas, bem como a capoeira.

A última história do projeto contada pela estagiária, foi: "Fritz: Um Sapó Nas Terras de Príncipe", do autor Jura Arruda, que reside em Joinville, a acadêmica explicou para a turma que aquela era a história do município de Joinville.

Como um desafio, a estagiária propôs as crianças:

- *Nesta história de Joinville não está faltando os afros? Vamos criar uma nova história colocando a contribuição dos negros para o nosso município (Estagiária)?*

Apesar das dificuldades para o entendimento da proposta, por conta da idade das crianças, com ajuda da estagiária os pequenos narravam os acontecimentos do Fritz e acrescentavam de maneira oral o que haviam aprendido do povo afrodescendente.

Desde da primazia do projeto o objetivo principal era apresentar as características do continente africano para as crianças, mostrando a elas que a África também é aqui. Nosso povo, nossa cultura, muitas vezes também afro-brasileiro, encontra em Joinville muitas contribuições e manifestações afrodescendentes, como grupos religiosos, artísticos e culturais, como por exemplo os tantos grupos de capoeira espalhados pelo município.

Considerações Finais

Todas as etapas decorrentes do Estágio Curricular Supervisionado de Educação Infantil, entre elas a observação, a inserção e a docência foram demasiadamente intensas, cheias de saberes, caminhos e descaminhos na educação e na construção da identidade profissional.

O estágio evidenciou em vários momentos emoções de descobertas, medos, crenças, vontades e conclusões inacabadas sobre ser criança, acreditar na infância, entender como se aprende e como se ensina.

África para que te quero? Realizar um projeto que abrangesse essa dinamicidade, falasse de outro continente, mas com articulação dos saberes ao tempo atual e ao contexto em que as crianças estão inseridas, fez com que as mesmas tivessem uma outra visão sobre o ambiente onde moram e aprendem, Joinville. Aqui também há negros, que contribuíram para a cultura local, que todos os dias trabalham, ensinam, conhecem, projetam, que somam com o crescimento do município, mas que infelizmente muitas vezes não são vistos. Quando se fala de Joinville as pessoas logo pensam: "cidade de alemães, suíços e noruegueses." Porém os afrodescendentes nunca aqui estiveram? Nunca realizaram nenhum feito que marcou a história da cidade? Ficam aqui essas indagações.

Todos os objetivos propostos foram atingidos, subsidiados de uma sensação de dever cumprido. Para a estagiária essa experiência foi como dar asas a pequenos passarinhos que antes não conseguiam voar, como já dizia Alves (2001):

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados têm sempre um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

Não que com um único projeto as crianças já tenham adquirido todos os saberes imprescindíveis para a vida, que essa seja a garantia para que elas não tenham futuramente atitudes desagradáveis como o preconceito e a discriminação, entretanto acredita-se que é por meio da educação que ocorrem as maiores mudanças.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. Asas ou gaiolas: a arte do voo ou a busca da alegria de aprender. **Folha de São Paulo**. 2001.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2010.

BONFIM, Kateuscia Pereira; SANTOS, Maria Rosina Sobral Maciel dos; *et al* Cultura: um estudo sobre pertencimento na educação da infância. In: VOOS, Jordelina Anacleto Beatriz; BECKER, Rosana. **Diálogos e Trajetórias**: da perspectiva individual à docência compartilhada. São Paulo: All Print Editora, 2010.

CAGNETI, Sueli. **Leituras em Contraponto**: novos jeitos de ler. São Paulo: Paulinas, 2013.

CUNHA, Dilney. Negros, trabalho e sociedade em Joinville. **História do Trabalho em Joinville Gênese**. Joinville: TodaLetra, 2008.

FLICK, Owen. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREITAS, Daniela Amaral Silva. **Literatura Infantil dos Kits de Literature afro-brasileira da PBH** um currículo para a ressignificação das relações étnico-raciais? Belo Horizonte: UFMG/Fae, 2014.

PIORSKI, Gandhy. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e Docência**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SILVA, João Francisco da. Uma Colônia Povoada por Teutos, Lusos e Negros. **A Notícia**. 1997. Disponível em: <http://www1.an.com.br/jville97/ville3.htm>> Acesso em: 30 ago. 2016.